



Arq. Hist. de Moç
N.º 88564
Cota

A VOZ DA REVOLUÇÃO

Nº 10 ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO) JUNHO DE 1972

25 JUNHO 1972 10º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA FRELIMO



Mensagem do Presidente da Frelimo

Camaradas,

Comemoramos hoje, dia 25 de Junho de 1972, o décimo aniversário da fundação da nossa Organização, a FRELIMO, a FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE.

Há exactamente dez anos, militantes moçambicanos vindos de várias partes do nosso país juntaram-se para constituir uma organização capaz de unir os esforços de todo o povo moçambicano oprimido, e dar um impulso decisivo à luta contra a dominação colonial portuguesa no nosso país.

Apesar de ter sofrido durante muitos anos o efeito da desunião, nascida da falta de conhecimento mútuo ou das contradições atizadas pelo colonialismo, o povo moçambicano conhecia bem o valor da unidade. Era claro que o colonialismo português só tinha sido capaz de estabelecer e manter a sua dominação sobre todo o nosso país por causa da divisão que existia no nosso seio.

Muitas revoltas e manifestações de protesto contra o colonialismo foram esmagadas porque se tratava de acções isoladas, sem ligação, e por isso, embora dispoñdo de forças numericamente inferiores o colonialismo pode vencer-nos.

Foi a compreensão desta situação que levou os militantes a juntarem-se em 25 de Junho de 1962 para porem em comum todas as suas capacidades e esforços, a fim de construir um instrumento de luta, capaz de derrubar a dominação colonial no nosso país.

Esta data marca por isso um momento importante no processo da unidade, que leva à construção de uma nação moçambicana independente, próspera e forte. É por isso um momento alto na história da resistencia do povo moçambicano contra a dominação estrangeira.

Foi esta unidade, que é a força motriz da nossa revolução,

"POVO MOÇAMBICANO, lutemos unidos, sem divisões tribais, raciais nem religiosas, nós todos contra o inimigo comum - o colonialismo português e o imperialismo."

Dr. Eduardo C. Mondlane, 1º Presidente da FRELIMO



que nos permitiu realizar já um longo caminho: basta olhar para trás e examinar o caminho percorrido para ter uma visão dos progressos realizados pelo povo moçambicano desde 1962 até hoje.

Em 1962, a dominação portuguesa estendia-se a todo o nosso país. Todos os Moçambicanos estavam sujeitos a formas de exploração degradantes, desde o trabalho forçado, a exportação de homens para a África do Sul, a cultura forçada dos produtos agrícolas necessários para a economia do colonialismo. Os impostos pesadíssimos, os baixos salários, os maus tratos, a humilhação do racismo tornavam a vida intolerável. A maioria esmagadora dos Moçambicanos nunca frequentara uma escola. Os poucos africanos que iam à escola, eram submetidos a um processo que visava fazer deles pequenos portugueses de pele preta, renunciando a história do seu povo, envergonhando-se dos seus costumes e tradições próprias. Em muitas regiões do nosso país, as populações nunca tinham visto um médico ou um enfermeiro e as epidemias e doenças alastravam-se, sem que nenhum tratamento fosse dispensado.

Por cima de tudo isso, e para garantir a continuação da exploração económica, da ignorância, da doença, pesava o aparelho de repressão colonial: o exército, a polícia, os administradores. O povo moçambicano estava privado do direito de formar um partido político através do qual pudesse exprimir as suas aspirações.

Se fizermos um balanço do que existe hoje, vemos que o povo moçambicano tomou nas suas mãos a construção do seu próprio destino: possui um partido que representa os interesses e que conduz o combate pela libertação total do país. Em 25 de Setembro de 1964, com o desencadeamento da luta armada, abriu-se uma nova fase na nossa história: a partir deste momento as forças do povo moçambicano começaram a crescer e a consolidar-se, enquanto as

forças do inimigo começaram a ser liquidadas progressivamente. O exército de libertação, que a princípio contava somente com algumas escassas centenas de militantes, conta hoje com milhares de combatentes treinados e bem armados.

No decurso destes anos, milhares e milhares de soldados colonialistas foram liquidados ou postos fora de combate, mais de 2.000 carros foram destruídos, dezenas de postos e bases do exército colonial foram completamente destruídos, cerca de 60 aviões e helicópteros foram destruídos ou abatidos no solo.

Mas não só isto: em regiões extensas do nosso país a dominação colonial já não se faz sentir. Nessas regiões o povo moçambicano vive uma vida livre, produzindo para o seu benefício e não para os exploradores, participando activamente na solução dos problemas da comunidade. Escolas foram criadas para combater o analfabetismo em que o colonialismo mantinha o povo moçambicano para melhor o dominar, hospitais e centros sanitários ajudam a combater as doenças e epidemias que no passado dizimavam milhares de moçambicanos. A personalidade moçambicana afirma-se plenamente, baseada no desenvolvimento das tradições sãs do povo moçambicano. Uma vida nova existe nestas regiões onde os vícios do colonialismo, do individualismo, da ambição, da corrupção são banidos.

Ao mesmo tempo o povo moçambicano afirma a sua personalidade política e jurídica no plano internacional. Em todo o mundo países, governos, organizações regionais e internacionais não só na África mas também na Ásia, na América Latina e na Europa reconhecem em número crescente na FRELIMO o representante autêntico do povo moçambicano e condenam o governo português pela sua política colonialista retrograda. O reforço dos laços de



fraternidade combatente com os povos do mundo em luta insere-se no combate exaltante dos povos de todo o mundo contra o colonialismo e o imperialismo.

Mas ao salientarmos o que conseguimos até agora, os progressos enormes que realizámos nos últimos dez anos da nossa história, não podemos deixar de lembrar que a batalha ainda não está ganha. O dia 25 de Junho de 1962 representa uma data importante no processo de liquidação do colonialismo e de consolidação da nossa unidade. Mas importa reforçar essa unidade cada vez mais para poder dar um novo impulso na realização das tarefas que ainda temos de enfrentar. Efectivamente em muitas áreas do nosso país o povo continua submetido à opressão colonial e exploração das companhias estrangeiras, ao trabalho forçado, aos impostos, às prisões.

É necessário por isso reforçar o nosso combate, estender as zonas libertadas para que o nosso povo em cada vez maior número possa beneficiar da vida de Moçambique livre. Às populações e aos combatentes das zonas libertadas cabe desenvolver cada vez mais essas regiões, para que elas se possam tornar as verdadeiras bases de apoio para a extensão contínua da nossa luta. Para isso é necessário desenvolver na prática o espírito de auto-abastecimento, aumentando o nosso esforço e a nossa capacidade produtiva. As zonas libertadas devem ser também uma grande escola em que todos, jovens e velhos, mulheres e homens, se esforçam por aprender cada vez mais, para melhor compreenderem a nossa política e a situação internacional e assim poderem dar uma contribuição cada vez maior à nossa luta.

As forças armadas devem sempre ter em mente que elas são uma emanção do povo, e que a sua força provém dos laços estreitos que elas souberem manter com as massas populares. No processo da luta é às forças armadas que cabe a gloriosa tarefa de defender intransigentemente os interesses do povo, força essencial e objectivo do nosso combate.

É a unidade a base das nossas vitórias, é pelo reforço da nossa unidade que nós poderemos levar a nossa luta a alcançar sucessos cada vez maiores.

Torna-se por isso necessário intensificar a vigilância contra as manobras que o inimigo procura desesperadamente levar a cabo, num esforço vão para conter o desenvolvimento da nossa luta.

O inimigo também compreendeu qual é a base da nossa força, e é por isso que ele reforça as suas campanhas contra a unidade do povo moçambicano tanto nas zonas libertadas como nas zonas que ele ainda ocupa.

Entre as táticas utilizadas pelo inimigo, é importante salientar o tribalismo, o regionalismo e o racismo. A experiência da nossa luta tem-nos mostrado que o tribalismo, o racismo e o regionalismo não tem base real mas são sempre fomentados pela ambição e pela sede de poder. Pela sua utilização, o inimigo procura suscitar diferenciações no seio do nosso povo, outros métodos consistem na criação de pequenos grupos a quem se dão privilégios a fim de os isolar das massas e fazer deles agentes para a perpetuação da dominação colonial. É com este fim que as autoridades portuguesas adoptaram recentemente a política de elevar os salários de certos moçambicanos que elas pensam poder assim ganhar à sua causa. Diante do aumento irresistível das forças nacionalistas, e dado que as suas forças começam a escassear, o inimigo tem-se lançado ultimamente numa grande campanha de recrutamento forçado de elementos moçambicanos com o objectivo de os opor aos combatentes da FRELIMO.

O inimigo procura também subverter o carácter da nossa luta, tentando levar a população branca a participar activamente na guerra contra o nosso povo — já tivemos ocasião de denunciar a política colonialista de fixação de colonos nas terras férteis, de onde a população africana é expulsa, política que tem como objectivo transformar a nossa guerra em guerra racial, em guerra contra o homem branco. Com o mesmo intuito de subversão, o inimigo procura infiltrar agentes na nossa zona que disfarçados e vestidos como militantes da FRELIMO, cometem crimes contra o povo com o intuito de desprestigiar a nossa organização.

É necessário por isso que todos os moçambicanos de todas as regiões, origens e raças, reforcem a sua vigilância contra estas manobras, através das quais o inimigo tenta prolongar a sua sobrevivência.

A todos os moçambicanos compete neste momento reforçar a unidade, consolidar a consciência nacional e aprofundar os objectivos do nosso combate.

Devemos para isso fazer um combate constante contra todas as manifestações de tribalismo, de regionalismo e racismo, que são minas colocadas pelo inimigo no nosso seio.

Devemos para isso procurar conhecer profundamente o nosso país, procurando conhecer outras regiões, convivendo com elementos originários de outras zonas, combatendo qualquer sentimento de superioridade ou de inferioridade no nosso seio, a fim de podermos conhecer-nos mutuamente, e mutuamente fundir as nossas tradições, conhecimentos e experiências num tronco comum.

É reforçando a nossa unidade e definindo correctamente os objectivos do nosso combate contra a dominação colonial e imperialista e contra a exploração do homem pelo

mem, que poderemos assestar as nossas armas contra o inimigo verdadeiro. O nosso combate não se dirige contra o povo português, nem contra nenhum povo, qualquer que seja a cor da sua pele. O nosso combate visa a liquidação completa do sistema colonial e de todos os seus vestígios. Por esta razão, a FRELIMO renova o seu apelo aos soldados portugueses do exército colonial para que cessem de ser instrumentos de um sistema de dominação que os oprime no seu próprio país, e que recusem participar numa guerra criminosa contra as legítimas aspirações do povo moçambicano à independência.

Aos soldados moçambicanos no exército colonial, a FRELIMO lembra que o seu dever é participar activamente na luta de libertação, recusando ser cúmplices do opressor estrangeiro.

Aos moçambicanos que se encontram nas zonas ocupadas, a FRELIMO dirige os maiores encorajamentos e exorta-os a resistir às manobras do inimigo e a continuar a preparar-se para a luta armada.

A todos os moçambicanos, assim como aos povos do mundo solidários da justa luta de libertação do povo moçambicano, a FRELIMO reafirma solenemente a sua determinação de prosseguir sem desfalecimentos o combate até à vitória final.

Ao comemorar o décimo aniversário da sua fundação, que

representa um marco importante na nossa história a FRELIMO, em nome de todo o povo moçambicano presta homenagem sincera e comovida a todos aqueles que se bateram pela unidade e pela liberdade da nossa terra, a todos aqueles que se sacrificaram para fazer do nosso povo, do nosso país, da nossa organização o que eles são hoje. Entre todos, ao Primeiro Presidente e fundador da FRELIMO, camarada Eduardo Chivambo Mondlane, artesão incansável da nossa unidade, cujo exemplo de militância e sacrifício simboliza o espírito combatente do nosso povo, e cujos ensinamentos continuarão a guiar-nos no caminho da libertação completa do nosso país.

Reforcemos a nossa unidade, determinação e espírito combativo, para fazer avançar a nossa luta e tornar assim mais próximo o dia da nossa vitória final.

VIVA O DÉCIMO ANIVERSÁRIO DA FRELIMO!
VIVA O POVO MOÇAMBICANO UNIDO DO ROVUMA
AO MAPUTO!

VIVA A MEMÓRIA INESQUECIVEL DO PRESIDENTE
EDUARDO CHIVAMBO MONDLANE!

INDEPENDENCIA OU MORTE
VENCEREMOS!

A LUTA CONTINUA ...

